
APRESENTAÇÃO

O Laboratório CORPUS vem participando desde 2002 do Projeto PROCAD/CAPES com o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM em conjunto com o departamento de Lingüística e de Teoria da Literatura do IEL da UNICAMP. O referido projeto, entre muitas atividades, visa a traçar a história das idéias lingüísticas e literárias no sul. É através desse projeto que estamos desenvolvendo ações de pesquisa e de ensino que buscam recuperar a referida história. Entre as inúmeras ações que estamos empreendendo estão as entrevistas com os teóricos fundadores da lingüística brasileira contemporânea. Através delas estamos propondo questões que possam explicitar um pouco da importância da relação História de Vida X História das Idéias, para que os entrevistados possam revelar fatos e dados e, ao mesmo tempo, revelar-se por eles.

Esse tipo de entrevista tem-se mostrado um caminho promissor na direção da constituição do processo histórico-social do sujeito produtor de conhecimento. Como vamos ver na entrevista que estamos apresentando, não se trata de considerar unicamente a coerência temporal de determinados processos ideológicos, culturais e disciplinares, mas antes de tudo considerar o deslocamento do foco de análise, que passa das grandes formações ideológicas e sua coerência estrutural para a relação entre os sujeitos e as formações discursivas em que estão inseridos. Em nosso entender, é desse ângulo que se pode formular, também, questões acerca do processo de constituição das identificações culturais e profissionais. Outro fator a salientar é que, a partir dessas entrevistas, podemos estudar mais de perto o que diz respeito à problemática da disciplinarização da Lingüística no país.

Mas história de vida de quem? Qual profissional estaria no centro de nosso interesse? Estamos entrevistando profissionais que vêm se destacando no cenário nacional depois da década de 60 e vêm ajudando a constituir a Lingüística brasileira contemporânea. São profissionais trabalhando para que a Lingüística tome a forma que vem tomando na atualidade, quer pelas bases teóricas que instauraram, quer pela formação de novos pesquisadores que

constituem hoje a nossa grande área. Esses profissionais influenciaram boa parte do que chamamos o núcleo forte da pesquisa no sul do país e construíram as bases epistemológicas para que a Lingüística tivesse o perfil disciplinar atual.

Estamos conseguindo recuperar boa parte da devida dimensão de estudos e estudiosos relativos à constituição da História das Idéias Lingüísticas, incluindo aí as modificações históricas das relações disciplinares a partir dos anos 60. Estamos propondo as entrevistas a partir de questões enunciativas e discursivas que sejam capazes de instrumentalizar análises específicas de linguagem. Temos consciência de que o processo não é simples, e demanda um grande investimento dos acadêmicos, na preparação, e nosso, na coordenação.

Esse tipo de instrumento envolve três etapas. A primeira consiste na preparação da entrevista. Os acadêmicos que dela participam passam por um longo processo de estudo dos textos produzidos pelo profissional a ser entrevistado. São horas de dedicação e interação, para depois se pensar na formulação das questões. Essas, por sua vez, são discutidas em grupo e elencadas na sua ordem discursiva e histórica.

A segunda etapa diz respeito à maneira de abordar as questões quando da entrevista, o envolvimento, a maceração, enfim, do processo em si. Muito se lê e se discute sobre o próprio ato de fazer falar o outro. Finalmente, a terceira etapa é a entrevista propriamente dita.

Em nosso entender, um ponto delicado e sempre em suspenso é o próprio ato de fazer falar, bem como o ato de contar, porque não contamos simplesmente nossa vida profissional e pessoal. Contamos sim, mas para dizer que alguma coisa em si é mais ampla que o tempo, ultrapassa o que o finito impõe. A narração não leva ao devaneio, ela impõe o real, ela autoriza um universo *sensé* na triangulação narração, tempo e ação. Mas é a ação de contar que ocupa uma posição fundadora de sentido, pois é no falar falando que se situa a estrutura primeira do tempo do dizer, o que só pode existir sob a forma da subjetividade. Nunca existimos sozinhos – definidos enquanto profissionais, indefinidos enquanto sujeitos, não somos nada mais que linguagem.

A entrevista que estamos apresentando traz um pouco da história profissional de Eni Puccinelli Orlandi. Na verdade, o que vamos ver no decorrer da entrevista não é mais o sujeito Eni

Puccinelli Orlandi que fala, mas sua voz, que é carregada de uma história pessoal e profissional. Eni, ao falar, fala não só de si, mas do outro colega, do professor que deu a ela a chance de ser o que é, dos seus orientandos, das suas relações. Mas vamos ver também que muito do que ela é é fruto de sua força de trabalho, de sua força teórica, da luta não mais de classe, mas pelo lugar na e da Análise de Discurso internacional. Vamos entender também o processo histórico da Análise de Discurso dita brasileira. Ele revela muito do percurso pessoal da professora Eni Puccinelli Orlandi, mas revela também o seu percurso na Lingüística do/no Brasil. Vamos entendendo como essa disciplina pôde se constituir em nosso país e porque ela é tão forte nas relações de poder na Lingüística brasileira contemporânea. Entrevistar Eni não foi fácil, do ponto de vista do tempo, mas foi o tempo que nos ajudou. Passamos quatro horas e quarenta minutos com ela, não vimos o tempo passar. Era um sábado à tarde de um dia frio e chuvoso (só quem conhece Santa Maria sabe do que estamos falando); mas, graças a Eni Puccinelli Orlandi, nem o frio, nem o tempo puderam interromper uma história que faz fazendo: História das Idéias versus História de Vida, discursivamente falando.

Amanda Eloina Scherer